

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

ABELHAS DE MONTE ALEGRE (EST. S. PAULO) (HYM.-APOIDEA) *

p o r

P. J. MOURE, C. M. F.

Museu Paranaense — Curitiba

I. Fam. APIDAE

1. *Apis mellifera* L.

Uma ♀. Faz. Sta. Maria (1.100 mts.), F. LANE leg., 24/30-XI-1942.
Exemplar da raça escura.

II. Fam. MELIPONIDAE

2. *Melipona fasciata rufiventris* (Lep., 1836)

Um ♂. Faz. Sta. Maria (1.100 mts.), 24/30-XI-1942, F. LANE leg.

Apresenta as seguintes diferenças com relação à descrição de SCHWARZ (1932):

Área supraclipeal sem mancha; o mesonoto igualmente sem linhas marginais amarelas, as axilas preto-brunas com mancha amarelo-suja; o escutelo desta cor e com duas manchas disciais escuras, irregulares. O contorno apical posterior das tíbias traseiras, quase em ângulo reto, diferindo claramente da figura de SCHWARZ. As coxas e trocanteres e fêmures bastante escuros e mesmo, em parte, o lado externo das tíbias anteriores e médias; as tíbias posteriores com o quinto apical preto e os tarsos muito escuros; não há pêlos pretos. O abdômen ferrugíneo-claro, o ventre mais escuro; nos tergitos aparecem umas faixas pretas por transparência; as faixas amarelas perceptíveis em 3-4, vestigiais em 2 e 5. Genitália só parcialmente à vista. DIMENSÕES: compr. total 9,4 mm., asa anterior 8,9 mm.; largura da cabeça 3,8 mm., do abdômen 3,8 mm.

(*) Recebido para publicação em 30-VI-1943.

3. *Trigona (Trigona) trinidadensis trinidadensis* (Provancher, 1889)

Duas ♂♂, Monte Alegre (750 mts.), L. TRAVASSOS F. & R. F. D'ALMEIDA leg. Uma ♀. Faz Bom Jesus (750 mts.), pelos mesmos e igual data, 14/27-X-1942.

Exemplares extraordinariamente robustos. Compr. da asa anterior, incluindo a tégula, 11,5 mm.; largura da cabeça 3,9 mm.

4. *Trigona (Trigona) fulviventris guianae* (Ckll.)

Uma ♀. Faz. Bom Jesus (750 mts.), 14/27-X-1942, L. TRAVASSOS F. & R. F. D'ALMEIDA leg.

5. *Trigona (Trigona) ruficrus* (Latr., 1804)

Uma ♀. Faz. Bom Jesus (750 mts.), 14/27-X-1942, L. TRAVASSOS F. & R. F. D'ALMEIDA leg.

As pernas um pouco pardas.

6. *Trigona (Tetragona) clavipes* (F., 1804)

Uma ♀. Faz. Bom Jesus (750 mts.), 14/27-X-1942, L. TRAVASSOS F. & R. F. D'ALMEIDA leg.

III. Fam. BOMBIDAE

7. *Bombus (Bombus) medius* Cresson, 1863

Dois ♂♂ e uma ♀. Faz. Experimental (750 mts.), 17/27-X-1942, L. TRAVASSOS F. & R. F. D'ALMEIDA leg..

Os dois exemplares machos diferem notavelmente entre si, quer quanto ao tamanho, quer quanto à côr. O exemplar menor tem o tórax quase inteiramente preto com vestígios apenas da pilosidade amarela nas calosidades umerais, e algum que outro pêlo na parte anterior do mesonoto e no escutelo; contudo a faixa do 3º segmento é completa e bem formada. A operária inteiramente preta, faltando por completo a faixa abdominal e apenas com alguns pêlos amarelos, misturados com pretos na parte anterior do toráx.

IV. Fam. HALICTIDAE

8. *Corynuroides briseis* (Smith, 1879)

1879. *Augochlora briseis* SMITH, Descr. N. Sp. Hymen., p. 46, n. 15; 1897, BINGHAM (Apud Ckll.), Trans. Am. Ent. Soc., XXIV, p. 162, n. 18; 1902, SCHROTTKY, Rev. Mus. Paulista, V, p. 393, n. 36; 1909, COCKERELL, Ann. Mag. Nat. Hist., (8) IV, p. 314.

1901. *Corynura (Corynuropsis) darwini* COCKERELL, Proc. Ac. Nat. Sc. Philad., p. 220.
1901. *Corynura (Corynuropsis) sublata* COCKERELL, l. c., p. 221.
1904. *Halictus briseis* VACHAL, Mis. Entomol., XII, p. 118 (= 34 sep.).
1905. *Corynura briseis* COCKERELL, The Entomol., XXXVIII, p. 35.
1906. *Halictus (Corynuropsis) darwini* DUCKE, Ztschr. Hym. Dipt., VI, p. 398; 1907, DUCKE, l. c., VII, p. 361, n. 9; 1910, DUCKE, Deutsch. Ent. Ztschr. p. 362.
1907. *Halictus (Corynuropsis) darwini sublata* DUCKE, l. c., p. 362.
1910. *Halictus (Corynuropsis) briseis* DUCKE, l. c., p. 362.
1943. *Corynuroides darwini* SANDHOUSE, Proc. U. S. Nat. Mus. 92, p. 540-541.

Uma ♀. Faz. Santa Maria (1.100 mts.), 24/30-XI-1942, ZOPPEI & D'AMICO leg.

Tenho tido em mãos numerosos exemplares desta espécie, cujo limite sul talvez vá do Itatiaia, passando por São Paulo, até o sul de Mato Grosso. Ainda não a encontrei em Curitiba. Decidiram-me à presente lista sinonímica principalmente as considerações de COCKERELL (1905) sobre o tipo. O colorido negro com reflexos violáceo-purpúreos, que COCKERELL denomina "purple-black" e SMITH "obscurely purple", VACHAL "pourpre" tem um pequeno grau de variabilidade, assim como o tamanho (6,8-9 mm.). Um ♂ do Itatiaia atinge até 7,5 mm. No 4º esternito do ♂ nunca observei a emarginação a que se refere COCKERELL, mas apenas um desnível ou tendência a sulco vestigial.

Ao meu vêr, *Corynuroides* é um bom gênero estreitamente relacionado com *Meocorynura* e *Rhinocorynura*, mais próximo entretanto do segundo, pelo que se infere da fêmea, pois desconheço o macho de *Rhinocorynura*. Ambos têm o clipeo dentado, ao contrário do que afirma STRAND (1910) em sua chave; porém em *Rhinocorynura* êsse dente é resultante da junção de duas carenas em V muito aberto; também têm de comum o mesonoto anteriormente alargado e projetado sobre o pronoto alcançando o occiput; a conformação do propódeo, etc. Este último caráter me faz duvidar de que *Corynuroides ashmeadi* SCHR. não esteja sistematicamente bem colocada. As diferenças com *Meocorynura* são mais pronunciadas na nervulação alar e formato da projeção anterior do mesonoto; com *Rhinocorynura* nos bordos dos ângulos pronotais mais laminados e voltados para cima, nas genas rebordadas, nos dentes do esporão, etc.

9. *Pseudagapostemon arenarius* (Schrottky, 1902)

Uma ♀. Faz. Bom Jesus (750 mts.), 14/27-X-1942, L. TRAVASSOS F. & R. F. D'ALMEIDA leg.

Um exemplar maior que o tipo e com o clipeo ainda mais prolongado. Apresenta ainda algumas ligeiras diferenças na configuração da parte superior do sulco cuneiforme do propódeo.

10. *Augochloropsis terrestris prognatha* n. var.

Uma ♀. Fazenda Experimental (750 mts.), 14/27-X-1942, L. TRAVASSOS F. & R. F. D'ALMEIDA leg.

Pela chave de COCKERELL (1900) chega-se a *Augochloropsis calypso*, diferindo pela existência de cerdas pretas no dorso do abdômen; a de SCHROTTKY (1902) leva-nos a *Augochloropsis monochroa* de que se afasta pelos ângulos pós-basais pontuados, pelas carenas da área basal do propódeo bem definidas, etc.; na chave de VACHAL (1903-1904) cai em *Halictus terrestris*, que é uma verdadeira *Augochloropsis*. Tenho alguns exemplares topotípicos dessa espécie, enviados pelo DR. A. A. OGLOBLIN (Buenos-Aires, Tigre, 13-10-1940), que se distinguem do exemplar em exame pela formação da área supraclipeal e principalmente pela pontuação que, em geral, na variedade é mais fraca e mais esparsa. Entre as espécies descritas por STRAND, relaciona-se algum tanto com *Augochloropsis nasigerella*.

♀ — Côr: verde, com fracos reflexos dourados no abdômen e na região escutelo-propodial e alguns reflexos azulados ao longo das órbitas internas, mais fracos no mesonoto; uma pequena mancha triangular preta no ápice do clipeo; as mandíbulas pretas, no ápice um pouco avermelhadas e na base com uma mancha verde; as antenas pretas, inferiormente o funículo preto-brunescente; as pernas bruno-escuras com reflexos verdes, principalmente no par médio e anterior, porém os tarsos brunos e apenas os posteriores com ligeiríssimos reflexos verde-áureos no terço basal do metatarso; as tégulas em grande parte fuscas, com o bordo externo mais transparente e na base e anteriormente verdes; as asas relativamente bastante escurecidas por numerosos pelinhos, as nervuras claro-brunas. Os tergitos 1-2 com manchas escuras no disco; o 5º e 6º brunos (parte visível), o ventre quase inteiramente bruno, com alguns reflexos verdes.

PUBESCÊNCIA: no clipeo, vértice e lados da face predominantemente escura, para cima nos lados da face, e nas genas (aqui muito longos) branca e plumosa; no mesonoto e escutelo com pêlos pretos e brancos misturados, no pós-escutelo pálidos e longos, plumosos;

nas pleuras, propódeo e esterno brancos; nas pernas brancos, porém alguns fuscos no lado externo dos tarsos, na parte posterior das tíbias e em grande número no lado externo das tíbias e metatarsos médios e posteriores; nos tergitos com pelinhos brancos e cerdas fuscas semi-eretas, numerosas na parte discal de 2-4 e quase todos os do 5-6; nos esternitos brancos, porém em 5-6 fuscos; as vibrissas pouco perceptíveis, formadas por pêlos brancos.

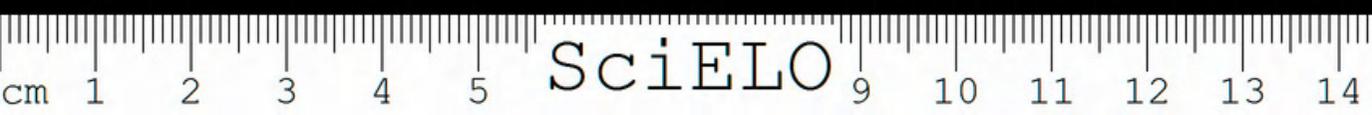
PONTUAÇÃO: muito densa e fina e ainda com um pontinho interno na frente, nos lados da face e no vértice mais esparsa e obsoleta, no clipeo mais grossa e esparsa principalmente ao longo do meio; a área supraclipeal finamente rugosa e com pontos numerosos, porém o terço inferior bastante liso; as genas finissimamente canaliculadas e com pontinhos piligeros, quase imperceptíveis; no mesonoto e escutelo semelhante à da frente porém um pouco mais esparsa e no disco do mesonoto posteriormente um pouco mais esparsa; nas mesopleuras tão densa como no mesonoto, porém de aspecto mais rugoso, nas pleuras propodeais e no metafragma mais fina e esparsa, principalmente no último; nos ângulos pós-basais fina e densa, muito obsoleta; nos tergitos fina e esparsa, com alguns pontos mais finos entremeados; a 1a. depressão marginal quase inteiramente lisa, a 2a. com pontinhos esparsos na metade apical, a 3a. e 4a. apenas com o bordo apical liso.

ESTRUTURA: afastamento interorbital superior maior que o inferior e menor que o comprimento do olho; a distância ocelo-ocular maior que a interocelar; o escapo sobrepassa o nível dos ocelos posteriores; a carena frontal atingindo apenas o meio da frente; um pequeno espaço liso diante do ocelo anterior; sulco vestigial atrás dos ocelos posteriores; vértice estreito e declive; genas rebordadas e, vistas de perfil, um pouco mais largas que os olhos; o espaço malar bem perceptível, dando ao clipeo um aspecto saliente; ângulos anteriores do pronoto salientes, arredondados, a lâmina ligeiramente transparente só no bordo e fortemente saliente até os calos umerais, levemente sinuosa; lúnula propodeal mais estreita que o pós-escutelo, aproximadamente com 20 carenas radiantes bem nítidas; os ângulos pós-basais arredondados; esporão posterior com 5-6 dentes curtos. As depressões marginais bem marcadas, a primeira no centro um pouco mais larga que as vibrissas, a segunda mais larga que a primeira e a terceira e quarta muito mais largas.

DIMENSÕES: compr. total aproximado 9 mm., asa anterior 6 mm.; largura da cabeça 2,3 mm., do abdômen 2,5 mm.

HOLÓTIPO: na coleção do Departamento de Zoologia, n. 104.434.

Esta espécie é facilmente reconhecível entre tôdas as *Augochloropsis* pela presença de um espaço malar bem desenvolvido, o



que dá um aspecto alongado à face. A área supraclipeal desta variedade apresenta uma ruga transversal, que se não observa nos exemplares típicos da Argentina, além disso tem a pontuação um pouco mais fraca, com os intervalos mais lisos, e as tégulas só parcialmente verdes, enquanto que em *Augochloropsis terrestris terrestris* (VACHAL) estas são quase inteiramente verdes, exceto um estreito

V. Fam. PANURGIDAE

11. *Protandrena meridionalis* Schrottky, 1906

1906. *Protandrena meridionalis* SCHROTTKY, Ztschr. Hym. Dipt., VI, p. 314; 1907, SCHROTTKY, An. Cient. Parag., 7, I, pp. 31-32 e 42; 1908, DUCKE, Rev. d'Ent., Caen, XXVII, p. 65; 1910; DUCKE, l. c., XXVIII, p. 82; 1912, JOERGENSEN, Zool. Jahrb. Abt. Syst., XXXII, p. 116, n.º 59; 1912, JOERGENSEN, An. Mus. Nac. Buenos Aires, XXII, p. 306, n. 338; 1912, DUCKE, Zool. Jahrb. Abt. Syst., XXXIV, p. 84-85; 1913, SCHROTTKY, An. Soc. Cient. Argentina, LXXV, p. 245; 1930, COCKERELL, Ann. Mag. Nat. Hist., (10) VI, p. 55.
1907. *Anthrenoides alfkeni* DUCKE, Ztschr. Hym. Dipt., VII, p. 368.

Uma ♀. Faz. Experimental. Um ♂. Faz. Bom Jesus (750 mts.), 14/27-X-1942, L. TRAVASSOS F. & R. F. D'ALMEIDA leg.

E' o panurgideo mais comum do sul do Brasil, sendo frequentemente encontrados os casais nas flores de pequenas oxalidáceas vulgarmente denominadas "azedinhas". Frequentam também outras flores.

VI. Fam. XYLOCOPIDAE

12. *Xylocopa virescens* Lepeletier, 1841

Duas ♀♀. Faz. Experimental (750 mts.), 14/27-X-1942, L. TRAVASSOS F. & R. F. D'ALMEIDA leg.

Corresponde pelo colorido e reflexos da asa a essa espécie segundo as descrições ou referências de LEPELETIER, SMITH e COCKERELL.

VII. Fam. ANTHOPHORIDAE

13. *Tetrapedia diversipes* Klug, 1810

Nove ♂♂. Faz. N. S. Encarnação (750 mts.), 14/27-X-1942, L. TRAVASSOS F. & R. F. D'ALMEIDA leg.

Todos os exemplares têm uma tendência marcada para o melanismo, contudo alguns exemplares apresentam o escapo das antenas bastante claro. Também se nota um certo grau de variação no formato do dente dos metatarsos posteriores.

14. *Paratetrapedia maculata* (Friese, 1899)

Um ♂. Faz. Bom Jesus (750 mts.). Um ♂, Est. Carlos-Norberto (800 mts.), 14/27-X-1942, L. TRAVASSOS F. & R. F. D'ALMEIDA leg.

Comparando-os com um cótipo dessa espécie, acham-se as seguintes diferenças:

Têm as manchas menores no terceiro tergito e apenas vestigiais no 4º; em um dos exemplares não existe a mancha do ângulo inferior das genas. Ambos exemplares apresentam o dente do lado interno dos metatarsos posteriores bem desenvolvido.

PACHYCENTRIS Friese, 1902

Trata-se de um gênero estreitamente ligado ao grupo *Tetrapedia*, *Trigonopedia*, etc. Ainda é desconhecido o macho do genótipo, e por isso, é apenas tentativamente que incluo os machos em mãos (*Pachycentris lanei*) no presente gênero. Pode caracterizar-se o macho do modo seguinte:

♀: escapo um pouco mais longo que os 3 primeiros artigos do funículo juntos. Palpos maxilares de 6 artigos, ainda mais longos que em *Paratetrapedia*, com o 2º artigo mais longo. Asas anteriores com o 1º nerv. recorrente um pouco antes do meio da 2a. célula cubital; o estigma bastante grande. Os metatarsos posteriores achatados, da largura da tibia e bastante longos; o esporão do 2º par bastante largo, denticulado na margem interna, estreitando-se subitamente antes do ápice que é recurvado; os esporões das tibias posteriores igualmente de ponta recurvada, porém mais estreitos e o interno em pente formado de numerosos denticulos curtos mais desenvolvidos que em *Paratetrapedia*, porém menos que em *Tetrapedia*; pulvilos bem desenvolvidos. Abdômen cordiforme, com o bordo marginal dos térgitos reto; placa epipigial larga com o ápice arredondado e um pouco voltado para baixo; bordo apical dos esternitos 2-5 com densíssima pilosidade formando um tufo aveludado que é um pouco estreitado no meio do 4º esternito e muito no 5º; neste, além disso, notam-se longas cerdas curvadas para dentro.

Pelos palpos maxilares, metatarsos posteriores e presença de pulvilos afasta-se de *Tetrapedia*. De *Paratetrapedia* pela placa epipigial, esporões, localização do 1º nerv. rec. e principalmente pela

pilosidade ventral; de *Trigonopedia* pela posição do 1º nerv. rec., configuração dos metatarsos posteriores e pelos esporões tibiais; das fêmeas de *Pachycentris* pelo formato da 2a. célula cubital, posição do 1º nerv. rec. e relativa escassez de pilosidade na parte dorsal. Parece pertencer também a este gênero a *Tetrapedia pili-ventris* FRIESE, pelo que se deduz da descrição.

15. *Pachycentris lanei* n. sp.

Dez ♂♂. Faz. Sta. Maria (1.100 mts.), 24/30-XI-1942, F. LANE leg.

Em homenagem ao prezado amigo DR. F. LANE.

♂. Cór: inteiramente preta, com a parte distal das tibias posteriores e os tarsos dos dois pares trazeiros mais ou menos amarelados; o funículo desde o 2º art. e o bordo apical do clipeo brunescentes; as asas bastante denegridas e na zona das nervuras mais intensamente, o estigma amarelento-escuro.

PILOSIDADE: na cabeça formada por cerdas pretas esparsas, com alguns pêlos brancos plumosos nos lados da face; brancos no labro e alguns nas genas, metade inferior das pleuras e esterno, em volta dos calos umerais e um pequeno tufo atrás das tégulas; preta e esparsa no mesonoto, escutelo, pós-escutelo e propódeo; nas pernas preta, bastante longa e densa nas tibias e metatarsos médios, amarela no terço apical das tibias posteriores e em todo o respectivo metatarso, nos quais é igualmente densa. No abdômen é muito curta e rala, sendo quase todo o primeiro tergito e grande parte do disco e margem apical de 2-3 inteiramente glabro; mais densa nos lados de 4-5 e principalmente em 6, em que forma faixa completa; no ventre com densa pilosidade clara, mais fusca no centro, no bordo apical dos esternitos 2-5, neste último com longas cerdas pretas voltadas para dentro.

PONTUAÇÃO: fina e bastante esparsa na fronte, lados da face, clipeo (no disco ainda mais esparsa), mesonoto e escutelo; o bordo apical do clipeo, um triângulo discal na área supraclipeal e as áreas ocelo-oculares inteiramente lisas; nestas últimas observa-se um ponto grosso fortemente impresso a cada lado; nas genas e nos lados do propódeo finíssimas; e neste último a parte média inteiramente lisa, tendo na base longitudinalmente um sulco vestigial; nas mesopleuras um pouco mais esparsa que no mesonoto. O abdômen muito liso e brilhante, só com pontos piligeros muito finos; quase todo o 1º tergito, e largamente as depressões marginais dos outros, assim como tôda a parte média do 2º, sem pontos; a parte basal dos esternitos 3-5 transversalmente canaliculada, o 6º liso.

ESTRUTURA: afastamento interorbital superior maior que o inferior, porém menor que o compr. do olho; distância interocelar interna quase igual à ocelo-ocular; 3º articulo do funículo cilíndrico, um pouco mais curto que o seu diâmetro, igual em compr. ao 1º que é globoso, o 2º cônico, mais longo que o 3º e igual ao 4º, êste cilíndrico é ligeiramente mais longo que o próprio diâmetro. Vértice fortemente rebordado; as áreas ocelo-oculares fortemente deprimidas, côncavas; a fronte fortemente sulcada desde o ocelo anterior até a carena da parte superior da área supraclipeal; as genas mais estreitas que os olhos. Depressões marginais dos tergitos abdominais apenas vestigialmente indicadas, um pouco mais evidentes em 2-4, principalmente nos lados.

DIMENSÕES: comprimento total 10,3 mm., asa anterior 8,5 mm., largura da cabeça 3 mm., do abdômen 3,7 mm.

HOLÓTIPO: na col. do Departamento de Zoologia, nº 104.424 e mais 3 PARÁTIPOS, nºs. 104.425, 104.426 e 104.427; 4 PARÁTIPOS na minha coleção, 1 PARÁTIPO no Museu Paranaense e 1 PARÁTIPO do American Museum.

16. *Anthophora paranensis* Holmberg, 1903

Uma ♀. Faz. Sta. Maria (1.100 mts.), 24-XI-1942, F. LANE leg.
Uma ♀. Est. Carlos-Norberto (800 mts.), 21-10-1942, L. TRAVASSOS F. & R. F. D'ALMEIDA leg.

E' uma espécie que ocupa vasta área geográfica, tendo sido citada dos distritos pampásico, subandino, subtropical e agora do tupi. Tenho também exemplares de Curitiba, São Paulo e Rio Claro. O seu aspecto é um tanto diverso das *Anthophoras* européias e mesmo das sul-americanas dos distritos incásico e chileno, contribuindo não pouco para isso a superfície cerdosa do clipeo, munido superiormente de cerdas mais grossas em linha transversal ligeiramente arqueada e muito bem comparada por HOLMBERG a um pente; a escopa tibio-metatarsal também é bastante rala; havendo contudo concordância perfeita quanto à nervulação alar.

17. *Ptilothrix plumata* Smith, 1853

1853. *Ptilothrix plumatus* SMITH, Cat. Hym. Br. Mus., I, p. 132, n. 1; 1943, SANDHOUSE, Proc. U. S. Nat. Mus., 92, 595.
1853. *Ptilothrix plumosus* SMITH, l. c., p. 197, expl. pl. VI, fgs. 11-14.
1899. *Ptilothrix plumata* FRIESE, Ann. Hofm., Wien, XIV, p. 271, n. 1 (partim); 1902, SCHROTTKY, Rev. Mus. Paulista, V, p. 535, n. 1 (partim); 1909, BRÈTHES, An. M. Nac., Bue-

- nos Aires, XIX, p. 222 (?); 1909, STRAND, Deutsch. Entom. Ztschr., p. 230 (? partim); 1909, BRÈTHES, An. M. Nac., Buenos Aires, XIX, p. 253 (?); 1910, BRÈTHES, Bull. Soc. Ent. Fr., p. 212 (partim); 1913, SCHROTTKY, An. Soc. Cient. Argentina, LXXV, p. 254 (?); 1920, SCHROTTKY, Rev. Mus. Paulista, XII, 2a. pte., pp. 165 e 172; 1941, MOURE, Arg. Mus. Paranaense, I, p. 85.
1903. *Teleutemnesta scalaris* HOLMBERG, Ann. M. Nac., Buenos Aires, IX, p. 403, n. 31.
1907. *Ptilotrix plumata* DUCKE, Rev. d'Entom., Caen, XXVI, p. 82.
1908. *Ancyloscelis plumaria* DUCKE, l. c., XXVII, p. 70.
1910. *Melitoma plumaria* DUCKE, Rev. d'Entom., Caen, XXVIII, p. 86.
1910. *Ancyloscelis plumata* DUCKE, Deutsch. Ent. Ztschr., p. 365; 1910, FRIESE, Deutsch. Entom. Ztschr., p. 705 (partim).
1910. *Ptilothrix adolphi* STRAND, Zool. Jahrb. Abt. Syst., XXIX, p. 510, n. 64.
1912. *Melitoma plumata* DUCKE, Zool. Jahrb. Abt. Syst., XXXIV, p. 96.
1913. *Ptilothrix scalaris* SCHROTTKY, l. c., p. 254.

Apresento essa lista à base da literatura que pude consultar. Não é completa e talvez exista algum engano na apreciação de algumas diagnoses, em si um tanto falhas, e se por uma parte há autores demasiado minuciosos, dividindo a presente espécie em duas, outros fazem da mesma uma espécie composta. Só um cotejo dos tipos e dos exemplares determinados pelos vários autores que dela se ocuparam, nos permitirá maior segurança. Pessoalmente examinei exemplares determinados por FRIESE, DUCKE e SCHROTTKY. Disponho igualmente de grande número de exemplares (fêmeas e machos) coletados em uma mesma colônia existente em uma velho muro, próximo à nossa residência em Guarulhos, pequena localidade aproximadamente a 30 km. de São Paulo. Nesse lote e em outro procedente de Rio Claro (Est. de São Paulo) observa-se uma certa variação no colorido das pernas e antenas, e mesmo nas nervuras alares que passam para um bruno-ferrugíneo. A faixa do 5º segmento (raramente a do 4º) não atinge muitas vezes o bordo lateral do tergito, tendo o aspecto de meia lua. Outra variação mais difícil de ser interpretada com segurança é a largura das faixas abdominais dos machos, que em alguns casos apenas chega a 1/3 da parte exposta do tergito e em outros, em igual estado de distensão, chega a cobrir a metade do mesmo, como sucede nas fêmeas. O ta-

manho varia um pouco e o aspecto geral impressiona de modo chocante ao primeiro golpe de vista, segundo a posição em que morreu o animal, principalmente em se tratando dos machos.

Passando em revista os sinônimos acima citados, adiciono os comentários que os justificam, ao menos aparentemente. SMITH, em 1853, descreveu o gênero e a espécie única, que deve ser considerada como genótipo, com bastante minúcia, escapando-lhe alguns senões. Colocou o nome específico com terminação masculina, porém tem mais razão FRIESE dando-lhe desinência feminina, uma vez que *θειξ* (*thrix*) é feminino, e se se considera o nome como apostro *Apis*, ou *Melitta* ou *Melissa*, estes também o são. Por um "lapsus calami" a espécie é designada *Ptilothrix plumosus* na explicação das figuras. FRIESE, em 1899, coloca o gênero junto a *Exomalopsis*, idéia esta hoje completamente abandonada, devendo figurar ao lado de *Melitoma* e *Diadasia* na tribo *Melitomini* (= *Emphoridae* ROBERTSON = *Anthophorinae* CKLL. e SCHR. em parte) da subfamília *Anthophorinae*; essa tribo ficaria bem caracterizada pela forma arredondada do vértice e pela disposição das nervuras da asa posterior, como foi anotado por HOLMBERG em 1903 (p. 429, AA, e), excluindo-se do grupo de HOLMBERG o gênero *Anthophora* pelo formato da cabeça. FRIESE, pois, ao referir-se à espécie, cita a descrição original de SMITH, modificando porém o tamanho para "5½ lines", quando SMITH, na realidade, escrevera: "Lengh 5 lines". O que põe de próprio, baseado em um exemplar de Blumenau, para completar a diagnose, modifica por inteiro o conceito da espécie, confundindo-a com outra. Diz "Die Art ist an der hellen Behaarung und den breiten hellgelben Filzbinden dez zweiten bis vierten Segmentes zu erkennen, die nicht den Seitenrand erreichen". (O grifo é nosso). Isto é falso, pois nos exemplares do Brasil-norte, donde provavelmente procede o exemplar típico segundo nota o mesmo FRIESE em 1910, as faixas sempre atingem o bordo da flexão dos referidos tergitos. O exemplar de Blumenau corresponde a *Ptilothrix relata*, como veremos mais abaixo. Creio que o engano em que incidiram BRÈTHES e STRAND é devido a esta pequena nota de FRIESE. Em 1902 SCHROTTKY dá uma diagnose resumida da espécie, porém cita o exemplar de FRIESE, e por isso para o mesmo vale a anotação que antes foi feita. Em 1903 aparece o trabalho notável de HOLMBERG sobre as abelhas argentinas, em que vemos *Ptilothrix plumata* sob o nome de *Teleutemnesta scalaris*; a minha opinião se baseia unicamente na descrição da espécie, e pode haver engano: parece tratar-se de um exemplar de pernas bastante escuras, porém cujas faixas abdominais nos três primeiros tergitos atingem as arestas laterais. Quanto a *Teleutemnesta relata*, colocada por FRIESE em 1910

como sinônimo, e *Energoponus strenuus* por BRÈTHES em 1909 e 1910, considero-os, com *Energoponus ameghinoi*, como variedades de *Ptilothrix relata* (HOLMBERG, 1903), espécie facilmente separável de *Pt. plumata* pelo aspecto das faixas abdominais. Em 1907 e 1908, DUCKE cita a verdadeira espécie sob dois nomes distintos. Em 1909, BRÈTHES trata por duas vèzes da espécie, a qual, pelo menos em parte, dá um sentido diverso do real, atendida a sinonímia apresentada, e acima já discutida. Na citação de STRAND, em 1909, provavelmente foi confundida com *Pt. relata*, como se deduz do paralelo traçado em 1910 entre *Pt. adolphi* e *Pt. plumata*, das quais a primeira parece ser a verdadeira *Pt. plumata* pela descrição das faixas abdominais. Em 1910, além do trabalho de STRAND, foram publicados dois de DUCKE, em que a espécie aparece ainda sob outros dois nomes distintos, e um de FRIESE, que reúne sob o nome de *Ancyloscelis plumata* pelo menos três espécies: *Ptilothrix plumata* (exemplares do Pará e de Jundiá), *Ptilothrix relata* (exemplares da Argentina e Paraguay sob o nome de *Ancyloscelis plumata nigrescens*, duvido da citação "Ecuador") e *Ptilothrix ruficornis* (exemplares de Córdoba e Salta, com as faixas abdominais extraordinariamente largas). Ainda nesse mesmo ano, em nota, BRÈTHES cita novamente a sinonímia estudada mais acima. Em 1912, DUCKE nomeia-a *Melitoma plumata* e, em 1913, SCHROTTKY no seu catálogo dos Himenópteros argentinos cita-a sob dois nomes, sendo que *Pt. plumata*, pela distribuição geográfica indicada, parece ser composta. Ainda em 1920, SCHROTTKY assinala-a em sentido composto.

O gênero *Energoponus* é um sinônimo de *Ptilothrix*, como estabelece BRÈTHES em 1909 e 1910; *Teleutemnesta* é composto, com a maioria das suas espécies distribuídas por *Ptilothrix* e *Diadasia*. Não conheço o genótipo, *Teleutemnesta fructifera*, designado por COCKERELL em 1918, e colocado por SCHROTTKY dois anos depois em *Emphor*, não tendo estudado o genótipo de *Emphor*, não posso julgar sobre a validez absoluta do mesmo como distinto de *Ptilothrix*, porém, espécies sul-americanas como *Ptilothrix nigerrima* (examinei um cótipo macho de Mendoza) não devem ser postas em gênero diferente de *Pt. plumata*, como o fizeram VACHAL e SCHROTTKY, unicamente pelas minúcias de nervulação alar em que se estende o último dos autores citados, depois de noutro trabalho do mesmo ano (1920) ter criticado severamente êsse proceder em HOLMBERG.

Acima me referi a *Ptilothrix nigerrima* e devo esclarecer um ponto:

No Depart. de Zoologia existem tipos de *Pt. nigerrima* e um exemplar que atribuo a *Pt. tricolor*, porém etiquetado por FRIESE em 1904 como *Ptilothrix aterrima*, nome, ao que parece, nunca dado à

publicidade. Esse exemplar ainda que muito parecido a *Pt. nigerrima*, difere da mesma pelo tamanho menor, pela existência de uma pequena mancha amarela no ápice das mandíbulas, pela pontuação do clipeo que é mais esparsa, pela pilosidade do tórax mais clara devido ao maior número de pêlos brancos e os segmentos 3-4 apresentam faixas laterais mais claras. Por outra parte à *Pt. nigerrima* é inteiramente aplicável a descrição de *Pt. megasoma* BRËTHES, 1910, que JÖRGENSEN desconhecia "in natura", apesar de ter sido descrita de Mendoza, porque sempre considerou sinônimas as duas espécies. Tenho vários exemplares de *Pt. nigerrima* (Santiago del Estero, WAGNER col.), que concordam perfeitamente com o tipo. Todos êsses exemplares a que acima me referi são machos. A única fêmea que possuo da Argentina (Felipe-Sola, Buenos Aires, MARTINEZ leg.), determinei-a como *Ptilothrix heterochroa* COCKERELL, 1919, embora seja um pouco maior que o exemplar de Carcaraña, e se aproxime mais de *Emphor opuntiae* SCHROTTKY, que julgo idêntica à espécie de COCKERELL. As diferenças apontadas entre *Pt. lynchii* e *Pt. chacoensis* são insignificantes e o colorido da pubescência dos tarsos me faz pensar na possibilidade de serem êstes os verdadeiros machos de *Teleutemnesta fructifera*, que talvez seja uma verdadeira *Ptilothrix*.

18. *Diadasia paraensis monticola* n. var.

Um ♂. Faz. Experimental (750 mts.), 14/27-X-1942, L. TRAVASSOS, F. & R. F. D'ALMEIDA leg.

Semelhante a *D. paraensis* (DUCKE, cótipo), porém as antenas inteiramente pretas, as tégulas mais ferrugineo-claras e principalmente a pilosidade mais desenvolvida; a pontuação do clipeo mais densa e a do mesonoto mais esparsa; as pernas inteiramente pretas, exceto o ápice das tibias posteriores e tarsos.

DIMENSÕES: comprimento total (o abdômen um pouco encolhido) 7,8 mm., da asa anterior 7,7 mm.; largura da cabeça 2,9 mm., do abdômen 3,2 mm.

HOLÓTIPO: ♂ n° 104.429 nas coleções do Departamento de Zoologia de São Paulo.

19. *Epimelissodes minarum* (Bertoni-Schrottky, 1910)

Uma ♀ e um ♂. Faz. Bom Jesus (750 mts.), 14/27-X-1942, L. TRAVASSOS F. & R. F. D'ALMEIDA leg.

Deixo esta espécie no gênero *Epimelissodes* por ter os palpos maxilares triarticulados e não ser uma *Thygater* pela falta de espaço malar, clipeo elevado, etc. Creio que *Epimelissodes*, assim como outros vários da tribo dos *Tetraloniini* (subfamília *Eucerinae*, porém

com três células cubitais) não estão ainda bem delimitados, não sendo práticas as chaves de HOLMBERG, COCKERELL e ROBERTSON, BERTONI & SCHROTTKY, e menos ainda a simplificação feita por DUCKE e VACHAL. Existem gêneros bem caracterizados, como: *Melissoptila*, *Thygater*, *Ptilomelissa*, *Svastra* (em parte), etc., porém segurança absoluta só se poderá ter depois de estudos acurados, comparáveis aos que levaram a cabo MITCHELL para *Megachile* e SCHWARZ para *Meliponidae*. O conjunto dos dois sexos deve ser atendido, e principalmente neste grupo não podem ser desprezados os machos (contra a opinião de VACHAL), pois geralmente apresentam melhores caracteres que as fêmeas, pela constituição das antenas, placa epipigial, formato do hipopígio, etc. Só o número de artículos dos palpos maxilares — caráter por certo valioso — não resolve a questão. Por êsse motivo a diagnose conterà a princípio certos caracteres, que talvez possibilitem futuramente uma colocação genérica exata. Dou a seguir a descrição do alótipo fêmea e algumas notas sôbre o macho.

Palpos maxilares de 3 artículos, com o 2º art. um pouco mais longo que o 3º; ápice da maxila (gálea), quando em repouso, não sobrepassando a base da stipes; mandíbulas simples; espaço malar quase nulo; clipeo não giboso; 2º artículo do funículo da fêmea mais longo que os dois seguintes em conjunto, no macho o 2º quase tão longo como o 3º e as antenas atingindo apenas até o pós-escutelo; asa com a segunda cubital quase quadrada e bastante menor que as outras, recebendo o 1º nerv. rec. (M 3+4) quase no meio; a forquilha cubital (m+cu e M 4) começando um pouco depois do transversocubital (Cu); pernas do macho normais, da fêmea com escopa bem desenvolvida; placa epipigial do macho largamente arredondada, na fêmea triangular de ápice arredondado; hipopígio do macho (último esternito visível) bissinuado, no meio com um lobo estreito arredondado; 6.º tergito do macho com um dente de cada lado. Pelo formato das antenas e do hipopígio do macho esta espécie está mais relacionada com *Ptilomelissa*, de que se afasta, entretanto, pela nervação alar e número de artículos dos palpos maxilares.

♀. Cór: preta, com as pernas e esternitos preto-brunos, os tarsos com os artículos apicais (2-5) mais avermelhados, assim como a parte média das mandíbulas; a parte inferior do funículo (4-11) bruno-clara; uma faixa estreita amarela paralela ao bordo apical do clipeo e bem próxima à margem; as asas um pouco fuscas, com as nervuras brunescentes e o estigma um pouco mais claro; os bordos apicais dos tergitos um pouco mais claros, transparentes, assim como as tégulas, que são de um bruno-claro.

PILOSIDADE: branca na face, clipeo, genas, occiput, pleuras, propódeo, base do primeiro tergito, face ventral do corpo e fêmures; pálido-ocrácea no labro; fusca, com certa tonalidade para o ocráceo, no vértice (alguns pêlos), mesonoto, escutelo, lado externo das tíbias dos dois primeiros pares, porém mais clara e em certa luz com brilho sedoso; a escopa tibio-tarsal pálida; o abdômen com faixas ocráceo-amareladas em 1-4, a do 1º interrompida largamente no meio que é quase glabro, 2º-4º com o bordo anterior em linha recurva, sendo portanto mais largas no meio, aonde atingem mais de 2/3 da largura total da parte exposta desses tergitos, a do 5º de um fusco muito pálido e mais estreita; de um fusco-pálido são também os pêlos que aparecem do 6º tergito que está quase todo encoberto; a parte basal dos tergitos com pêlos bruno-escuros, exceto o 1º.

PONTUAÇÃO: pouco perceptível devido a pilosidade; clipeo com pontos de tamanho médio, fortes e mais próximos entre si que o seu diâmetro, na parte apical mais finos e obsoletos, na área supraclipeal um triângulo liso; nas pleuras semelhantes a do clipeo, porém tornando-se mais esparsa para baixo; igualmente semelhante à do clipeo na parte anterior do mesonoto, posterior do escutelo e área basal do propódeo; o disco posterior do mesonoto em grande extensão completamente liso; no abdômen mais fina e mais densa, coberta pela pubescência, porém a parte média marginal do 1º tergito lisa.

ESTRUTURA: o afastamento interorbital superior quase igual ao inferior e maior que o comprimento do olho; distância interocelar externa quase igual à ocelo-ocular; o 2º artigo do funículo um pouco mais longo que 3-4, o 3º ligeiramente engrossado.

DIMENSÕES: comprimento total, com o abdômen um pouco encurvado, 8,2 mm., asa anterior 8 mm.; largura da cabeça 3,1 mm., do abdômen 3,8 mm.

♂: muito parecido à fêmea, apresentando as seguintes diferenças: o clipeo inteiramente amarelo, apenas com uma manchinha preta de cada lado próxima à curvatura superior da sutura clipeal, e o bordo marginal um pouco brunescente; o labro todo amarelo, assim como grande parte do lado externo das mandíbulas na base; as tíbias anteriores e médias (do lado externo mais fuscas) assim como o ápice dos fêmures e inteiramente as tíbias do par posterior, avermelhados; os tarsos de todos os pares igualmente avermelhados. A pilosidade da face mais longa e um pouco amarelada, a do mesonoto e escutelo amarelo-ocrácea sem pêlos fuscas; a da metade superior das pleuras e do propódeo e a base do primeiro tergito amarelo-clara; as faixas abdominais como na fêmea, porém a do primeiro segmento quase inteira, a do quinto obsoleta e a do sexto quase nula; os tergitos 2-4 apresentam na base interna (o ab-

dômen está muito distendido) uma faixa amarela menos densa; a face ligeiramente estreitada para baixo.

DIMENSÕES: comprimento total 9,3 mm., asa anterior 8 mm.; largura da cabeça 3,2 mm., do abdômen 3,3 mm.

TIPO: ALÓTIPO ♀ nas coleções do Departamento de Zoologia de São Paulo, n.º 104.430.

20. *Thygater analis nigricollis* (Vachal, 1904)

Uma ♀. Faz. Sta. Maria (1.100 mts.), 24/30-XI-1942, F. LANE leg.

Trata-se de uma variedade da espécie comumente determinada por FRIESE, SCHROTTKY e DUCKE como *Tetralonia* ou *Thygater bifasciata*. Creio que deve ser seguida a verificação de BERTONI & SCHROTTKY (1911) quanto à *Thygater analis*, e ser feito um estudo acurado para determinar até onde chega a variabilidade desta espécie. A denominação com que aqui designo essa variedade está de acôrdo com os caracteres anotados por COCKERELL em 1918.

VIII. Fam. MEGACHILIDAE

21. *Megachile dalmeidai* n. sp.

Uma ♀. Faz. Bom Jesus (750 mts.), 14/27-X-1942, L. TRAVASSOS F. & R. F. D'ALMEIDA leg.

Ao prezado amigo, eminente lepidopterólogo R. FERREIRA D'ALMEIDA.

Esta espécie é extremamente parecida com *Megachile nigropilosa* SCHROTTKY. Comparada com o tipo, distingui-se principalmente pelas faixas abdominais que nesta espécie lembram as de *Megachile anthidioides*. Pela chave de MITCHELL (1930) atendendo à pontuação densa do mesonoto comparável à de *Megachile benigna*, chegar-se-ia imperfeitamente ao dilema 11, pois a escopa é preta; passando-se ao dilema 20, chega-se até 25, porém todo o tórax é preto-piloso, tanto nesta espécie como em *M. nigropilosa*.

♀. Côr: preta, as tégulas e o funículo preto-fuscos; os últimos artigos tarsais um pouco negro-ferrugíneos, e um pouco mais avermelhado o artigo ungueal; as asas de um ferrugíneo comparável ao de *Meg. anthidioides*, porém mais fusco e a célula radial na metade superior fusca, as nervuras ferrugíneas, porém a nervura costal e tôdas no terço apical da asa fuscas; os esporões bastante claros.

PILOSIDADE: negro-fusca como em *Meg. anthidioides*, porém com alguns pêlos brancos misturados nos lados da face, entre as antenas e fronte, e pouquíssimos na parte das genas mais próximas

às órbitas e um pouco de tomento branco em volta dos calos umerais; nas pernas fusca, porém com uma pilosidade curta, mais clara em certa luz, no lado posterior das tíbias trazeiras; cerdas do lado interno dos tarsos fusco-ferrugíneas, nos metatarsos do 1º e 2º par, quase inteiramente fusca; no dorso do abdômen com cerdas esparsas pretas e algumas mais claras misturadas no disco dos tergitos; as faixas abdominais 2-4 muito estreitas, amarelas, e largamente interrompidas no meio, a do 2º e 4º reduzidas a duas manchas tomentosas laterais, a do 3º menos largamente interrompida e com os pêlos diminuindo de comprimento para o meio; o 6.º tergito com cerdas eretas só nos lados da base; a escopa preta, com alguns pêlos amarelo-fuscos misturados no meio dos esternitos 3-4, o 6º em grande parte glabro e com espaço glabro apical.

PONTUAÇÃO: densa e fina na frente, vértice, lados do clipeo, da área supraclipeal e da face, aqui mais obsoletos e deixando um pequeno espaço liso diante do ocelo anterior e do lado externo dos posteriores; nos lados do vértice, no disco do clipeo e área supraclipeal mais esparsa, porém sem formar faixa lisa; nas genas bastante obsoleta; no mesonoto e escutelo tão densa como na frente, porém no disco do primeiro e parte anterior do segundo um pouquinho mais esparsa, mesmo assim os intervalos menores que o diâmetro dos pontos; nas pleuras superiormente igual à da frente e inferiormente mais grossa; no abdômen mais fina e mais esparsa, principalmente nos tergitos anteriores; no 6º mais fina e mais densa, mate.

ESTRUTURA: afastamento interorbital superior maior que o inferior e menor que o comprimento do olho; distância interocelar externa menor que o duplo da ocelo-ocular e esta um pouco maior que a ocelo-occipital; 2º articulo do funículo maior que o 3º e este quase igual ao 1º. As mandíbulas 4-dentadas: os 2 primeiros dentes aproximados entre si, o 3º um pouco mas afastado e com lâmina cortante incompleta até o 2º, completa até o 4º, este subtruncado (parecida com a fig. de *Meg. electrum* MITCHELL, Pl. XIV); o bordo anterior do clipeo quase reto, no meio um pouco engrossado e liso, sem formar chanfro como em *Meg. anthidioides*; genas não reborçadas, mais largas que os olhos e no meio longitudinalmente um pouco deprimidas; o vértice chato, atrás levemente recurvo. Os metatarsos um pouco mais curtos e um pouco mais estreitos que as tíbias respectivas; as unhas com cerda e espiculo basais. O abdômen cordiforme, com as depressões marginais pouco marcadas em 1-2, porém bem nítidas em 3-5 principalmente aos lados; a depressão transversal muito forte em 2-3 e vestigial em 4; o 6º tergito de perfil e de cima com os contornos quase retos, com cerdas eretas só na parte látero-basal; 6.º esternito com espaço glabro apical.

DIMENSÕES: comprimento total 9,2 mm.; da asa anterior 8 mm. largura da cabeça 3,6 mm.; do abdômen 3,5 mm.

HOLÓTIPO: ♀, na coleção do Departamento de Zoologia, n.º 104.428.

22. *Megachile benigna* Mitchell, 1930

1913. *Megachile beroni* SCHROTTKY, Rev. Mus. Paulista, IX, p. 166, n. 20 (det. err.); 1923, COCKERELL, Ann. Mag. Nat. Hist., (9) XI, p. 454; 1941, MOURE, Arq. Mus. Paranaense, I, p. 93.
1930. *Megachile benigna* MITCHELL, Trans. Am. Ent. Soc., LVI, p. 214, Pl. XIII.

Três ♀ ♀. Faz. Bom Jesus (750 mts.), 14/27-X-1942, L. TRAVASSOS F. & R. F. D'ALMEIDA leg.

Em 1902, SCHROTTKY propôs para um exemplar de Jundiaí o nome de *Megachile rubricata* var. *beroni*, sendo as indicações que aí dá tão precárias que não permitiram, nem ao mesmo SCHROTTKY, reconhecer a sua espécie, pois a descrição de 1913 corresponde a outra espécie, designada mais tarde por MITCHELL como *Megachile benigna*. O tipo de 1902, conservado no Depart. de Zoologia, sob o n. 18.123, não traz etiqueta de SCHROTTKY, porém, a seguinte indicação de letra de LUEDERWALDT: "*Megachile rubricata* Sm. — Jundiahy (Est. S. P.) — Schrottky det.", e no reverso de outra etiqueta, a lápis, nova indicação de LUEDERWALDT: "18.123 ist *beroni* Type!". Esse exemplar, entretanto, é simplesmente uma fêmea de *Megachile curvipes* Sm. (= *fossoris* = *leucocentra*) e não foi examinado por SCHROTTKY ao fazer a diagnose de 1913, que, apesar disso, continua nomeando-o como tipo.

À vista desse fato, creio que esta espécie deve ser considerada como um sinônimo de *Megachile curvipes* sob o nome de 1902: *Megachile rubricata* var. *beroni*. Pelo contrário, a diagnose de 1913, e os exemplares determinados nessa ocasião (1909-1910), assim como as outras indicações posteriores, entram na sinonímia de *Megachile benigna* MITCHELL, de acôrdo com um parátipo recebido do autor.

Ficam aqui os meus agradecimentos ao prezado amigo DR. A. COSTA LIMA pelo auxílio que me prestou no esclarecimento desta sinonímia.

23. *Megachile verrucosa* Brèthes, 1909 (?)

Duas ♀ ♀. Est. Carlos-Norberto (800 mts.), 21-X-1942, L. TRAVASSOS F. & R. F. D'ALMEIDA leg.

A chave de SCHROTTKY (1913) leva-nos a esta espécie. Existem no Departamento de Zoologia dois exemplares de uma espécie muito próxima a esta, determinados erroneamente por SCHROTTKY, em 1910, como *Megachile paulistana* e que mesmo assim não entram bem na chave de 1913 por causa da largura e côr das pernas. A diagnose de BRÈTHES é igualmente aplicável a êsses exemplares. Por isso é com insegurança que atribuo os dois exemplares de Carlos-Norberto a *Megachile verrucosa*.

24. *Coelioxys aculeaticeps* Friese, 1922

Um ♂. Faz. Experimental (750 mts.), 14/27-X-1942, L. TRAVASSOS F. & R. F. D'ALMEIDA leg.

Como o ♂ desta espécie ainda não foi descrito, segue a diagnose do alótipo:

♂ : Côr: preta; as mandíbulas, as tégulas, as pernas, o 1º tergito e mais ou menos estensamente o lado ventral do abdômen, avermelhados.

PILOSIDADE: branca, porém, pálida acima da inserção das antenas; densa, decumbente, curta, entremeada de pêlos pálidos eretos no clipeo e área supraclipectal; as genas densamente branco-pilosas; o vértice, mesonoto e escutelo com escassíssimos pêlos pálidos, porém com faixa branco-pilosa margeando o mesonoto, largamente interrompida na frente e terminando logo atrás das tégulas em um tufo um pouco maior, e dois tufos nos cantos basais do escutelo; as mesopleuras com duas faixas seguindo respectivamente a sutura meso-metapleural e o rebôrdo epicnemial (que divide as mesopleuras do prepectus); no meio das mesopleuras e nas metapleuras mais escassa, no propódeo mais longa; uma faixa sôbre a sutura entre o escutelo e pós-escutelo. No lado posterior dos fêmures e tibias dos dois primeiros pares uma linha dupla (nos fêmures intermédios simples) e na parte anterior dos fêmures III e externo-posterior das tibias dêsse mesmo par; as faixas marginais dos tergitos 1-5 estreitas, completas em exemplares novos; as das depressões transversomediais, em 5-6, interrompidas no meio; a parte ventral com faixas apicais mais largas, mais obsoletas em 2-4; o último esternito visível com pilosidade generalizada e com a ponta dos pêlos voltadas para o centro do bordo apical; cada ponto grosso dorsal ou ventral leva um curto pêlo branco.

PONTUAÇÃO: grossa, porém um tanto variável de exemplar a exemplar; no vértice não muito densa, nos lados mais esparsa e no mesonoto ainda mais esparsa, aumentando os pontos de tamanho para trás; escutelo em grande parte liso, apenas com alguns pontos

grossos muito próximos entre si, no bordo apical entre o dente médio e as axilas e ao longo da sutura com as mesmas; estas pontuadas como o mesonoto; as pleuras como o mesonoto, aumentando em tamanho e distanciando-se em direção ao esterno; no abdômen mais fina e mais densa, porém mesmo assim os intervalos maiores que os pontos e ao longo da linha média mais esparsos, principalmente nos tergitos 3-5; o 2º e 3º apresentam aos lados uma elevação, obliquamente dirigida para o meio e para trás, lisa a do 3º seguida por um pequeno espaço densamente pontuado, geralmente mais obsoleto no 4º; o 6º densamente pontuado, assim como as depressões transverso-mediais, que separam a parte livre da oculta, dos tergitos 3-6; os esternitos pontuados como os tergitos, sendo a pontuação um pouco mais forte e mais densa nos lados e em todo o 4º esternito.

ESTRUTURA: os olhos ligeiramente convergentes para baixo, e o afastamento interorbital superior menor que o comprimento do olho; a distância inter-ocelar interna igual à ocelo-occipital e um pouco menor que a ocelo-ocular. As mandíbulas tridentadas, com os dentes agudos e os dois apicais mais próximos entre si; o bordo anterior do clipeo, visto por baixo com as mandíbulas abertas, apresenta uma leve emarginação recurva com alguns denticulos; o clipeo e área supraclipeal no mesmo nível do resto da face; as genas mais estreitas que os olhos, rebordadas e com uma depressão relativamente curta na parte próxima à base das mandíbulas, toda recoberta de pilosidade. Escamas pronotais bastante profundamente emarginadas; dente médio escutelar largo-triangular projetado para trás e um pouco voltado para cima, os axilares fortemente salientes; as coxas anteriores com pequeno espinho. O quinto tergito com um pequeno dente látero-pré-apical; o 6º (epipigio) com os processos basais paralelos, a eminência hipocrepídea afastada da base e com os processos súpero-apicais alargados no ápice e um pouco divergentes, os infero-apicais agudos, mais salientes e formando o prolongamento da linha média dos superiores, a chanfradura média em ângulo ligeiramente inferior a um reto; 4º esternito com 2 dentes fortes aproximados (*Acrodontomeros* de HOLMBERG); o 5º no ápice levemente emarginado.

DIMENSÕES: comprimento total 8,6 mm., da asa anterior 7 mm.; largura da cabeça 2,9 mm. (Média de vários exemplares).

ALÓTIPO: ♂, caçado in cop., na minha coleção; 3 PARALÓTIPOS na col. do Departamento de Zoologia, n.ºs. 104.431, 104.432 e 10.433; 13 PARALÓTIPOS na minha coleção.



HABITAT: Campinas, Est. de S. Paulo (TIPO ♀, HEMPEL leg.); Rio Claro (ALÓTIPO, PARALÓTIPO e várias fêmeas, P. F. S. PEREIRA leg.); Monte Alegre (Faz. Experimental, 1 PARALÓTIPO).

Nota-se uma pequena variação na pontuação (distribuição e tamanho dos pontos), assim como no tamanho e colorido, havendo alguns exemplares que melhor entrariam na secção *Melanobasis* de HOLMBERG. Entre os exemplares determinados na col. do Depart. de Zoologia como *Coelioxys pygidialis* encontra-se um casal desta espécie. *Coelioxys pygidialis* é muito diferente, como se pode vêr pelo tipo conservado na mesma coleção n. 18.093, e corresponde inteiramente a *Coelioxys leporina* SCHROTTKY, 1909, descrita do Paraguay. Mais um cochilo de SCHROTTKY no reconhecimento das próprias espécies.

25. *Coelioxys bimaculata* Friese, 1922

Uma ♀. Est. Carlos-Norberto (800 mts.), 21-X-1942, L. TRAVASSOS F. & R. F. D'ALMEIDA leg.

A figura de FRIESE (Taf. 24, fg. 39) é muito "estilizada", assim como tôdas as outras, e mesmo um pouco exagerada quanto aos espinhos axilares, que não sobressaem ao nível médio do escutelo. As manchas tomentosas amarelas (nos exemplares que tenho quase brancas) são comparáveis às de *Coelioxys pirata*. Na descrição nomeia caracteres bons, como a carena entre as antenas, o formato do hipopígio, etc., que permitem reconhecer bem a espécie. O vértice é extremamente estreito nas fêmeas, pois a distância ocelo-occipital é menor que o diâmetro de um ocelo.

Duvido um pouco da grande extensão geográfica que lhe atribue FRIESE: Minas, Espírito Santo, Pará (no Brasil), Guayaquil (no Equador) e Orizaba (no México). Possivelmente trata-se de uma espécie composta, e neste caso deve considerar-se como localidade típica: Barbacena (Est. Minas Gerais). Tenho exemplares de Rio Claro (Est. S. P.) e Bodoquena (Est. Mato Grosso). No Depart. de Zoologia existem 2 ♂♂ de Bodoquena (F. LANE leg., 30-X-1938). Também entre os exemplares determinados como *Coelioxys pygidialis* existe uma ♀ desta espécie.

IX. Fam. STELIDIDAE

26. *Hypanthidium flavomarginatum* flavomarginatum (Smith, 1879)

Uma ♀. Est. Carlos-Norberto, (800 mts.), 21-X-1942, L. TRAVASSOS F. & R. F. D'ALMEIDA leg.

Identificada por comparação com vários machos de diversas localidades próximas, representadas em minha coleção. As faixas

dos segmentos 3-5 inteiras, a do 1º interrompida no meio e a do 2º reduzida a uma mancha de cada lado; não há mancha nas pleuras dêste exemplar; o 6º tergito tem quase todo o disco amarelo.

Um caráter excelente, anotado por SCHWARZ em 1933, é o da presença das duas carenas interantenasais, ou como diz êsse autor: "Two carinae converging below in the space between the antennae". A presença, ou ausência (às vêzes vestígios), dessas carenas interantenasais divide dois grupos bem marcados: grupo *Hypanthidium flavopictum* e *Hypanthidium flavomarginatum*. À presença das referidas carenas estão associados outros caracteres notáveis, principalmente no ♂, como a estrutura do bordo apical do 6º tergito, o epipigio profundamente lobado, etc.

27. *Hypanthidium flavomarginatum obscurius* Schrottky, 1908

1908. *Hypanthidium flavomarginatum obscurior* SCHROTTKY, An. Soc. Cient. Argent, LXXV, p. 249; 1927, COCKERELL, Proc. U. S. Nat. Mus., LXXI, p. 10 (?).

1933. *Hypanthidium flavopictum obscurior* SCHWARZ, Am. Mus. Novitates, nº 625, p. 8, nº 2.

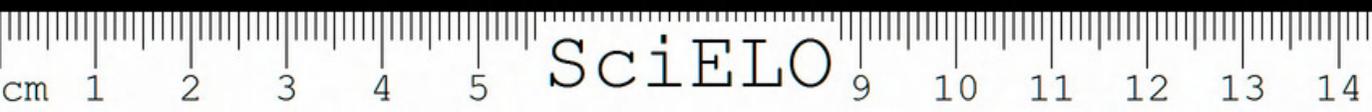
Uma ♀, Faz. Bom-Jesus (750 mts.), 14/27-X-1942, L. TRAVASSOS F. & R. F. D'ALMEIDA leg.

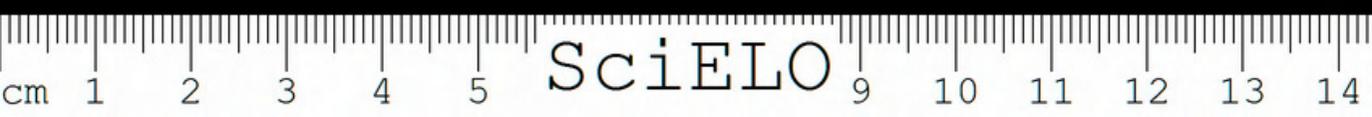
Como o nome específico (ou subespecífico) deve concordar com o gênero em gênero, modifiquei a grafia de *obscurior* para *obscurius*.

A falta das carenas interantenasais coloca esta variedade no grupo dos *Hypanthidium flavomarginatum*. E, se vamos atender mais ao colorido, quase poderia figurar como espécie distinta, pois além das faixas interrompidas no meio, é constante a falta de desenho amarelo no 6º tergito da fêmea. A indicação de SCHROTTKY "mandibulis fortissimis apice tridentato" parece ser um cochilo. Quanto ao caráter assinalado por COCKERELL para esta variedade, parece um pouco arriscado, e me inclino a vêr no exemplar que serviu a COCKERELL para comparação uma outra nova variedade desta espécie, em concordância com vários exemplares machos da minha coleção, ou então, uma espécie do grupo *flavopictum* extremamente parecida com a anterior no colorido, porém facilmente separável pela presença das carenas interantenasais. Com efeito, tanto na descrição da fêmea como do macho da sua variedade, SCHROTTKY não faz nenhuma alusão à diferença apresentada por COCKERELL "the large yellow spot on the mesopleura". A posição de *Hypanthidium beniense* é incerta, uma vez que seu autor não se refere às carenas interantenasais.

A B S T R A C T

In this paper the Author studies a little collection of bees captured at Monte Alegre, Est. S. Paulo, in the zoogeographical sub-region "tupi". Systematic and synonymical notes are given for *Corynuroides briseis*, *Ptilothrix plumata*, *Thygater analis nigricollis*, *Megachile benigna* and *Epimelissodes minarum*. The subspecific name of *Hypanthidium flavomarginatum obscurior* was changed to *obscurius*. The male of the genus *Pachycentris*, two species *Pachycentris lanei* and *Megachile dalmedai*, and two subspecies *Augochloropsis terrestris prognatha* and *Diadasia paraensis monticola* are described as new to science, and also the allotype, female, of *Epimelissodes minarum*.







Moure, J. 1944. "Abelhas de Monte Alegre (Est. S. Paulo) (Hym.-Apoidea)." *Papéis avulsos do Departamento de Zoologia* 6, 103–126.

View This Item Online: <https://www.biodiversitylibrary.org/item/192291>

Permalink: <https://www.biodiversitylibrary.org/partpdf/168109>

Holding Institution

BHL SciELO

Copyright & Reuse

Copyright Status: In copyright. Digitized with the permission of the rights holder.

License: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Rights: <https://biodiversitylibrary.org/permissions>

This document was created from content at the **Biodiversity Heritage Library**, the world's largest open access digital library for biodiversity literature and archives. Visit BHL at <https://www.biodiversitylibrary.org>.